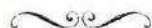


A clava da Justiça, horizonte a horizonte,
Da Sublime Harmonia é sempre a Eterna Fonte,
11 Seja no peito em flor, seja no peito em chaga.

A todo fel da estrada estende a paz em troca,
Segue, antigo viajor, para Deus que te avoca,
A luz do Excelso Amor que toda a sombra esmaga!...



lhante conferência sob o título «Martins Júnior e a poesia científica».
(Recife, Pernambuco, 24 de Novembro de 1860 — Rio de Janeiro, Gb,
22 de Agosto de 1904.)

BIBLIOGRAFIA: *Visões de Hoje; Estilhaços; Tela Policroma;* e numerosas obras de Direito.

3. Conquanto correto este alexandrino, pode, contudo, ser lido com acentuação na 4ª, 8ª e 12ª sílabas, como no 5º verso do poema “Morta-Viva”, de *Tela Policroma* (apud *Supl. Lit. do Jorn. do Com.*, 19-3-61):

“En/quan/to eu/ vou/ mor/ren/do à/ min/gua/ de/tu'/al/ma.”
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

5-11. Observem-se dois casos de epímone: “Sê prudente, sê bom, sê puro, viandante!” e “Seja no peito em flor, seja no peito em chaga.” (Veja-se Geir Campos, N. Cl. nº 32, nota 85, pág. 26.)

LUÍS DELFINO dos Santos *



HOSPITAL

Hospital! Praia viva dos efeitos,
Ês o foro das causas esquecidas,
Reduto generoso de mil vidas,
No espinheiral dos trilhos imperfeitos.

Incompreendida dor! Benditos leitos!
Ninho-prisão de loucos e suicidas
Dantes livres nas largas avenidas
Do egoísmo e do orgulho, vis e estreitos.

(*) Médico, LD soube, desde cedo, servir-se dos pequenos lazeres da clínica para escrever os magistras sonetos da sua obra imponente, na qual conseguiu refletir «os três movimentos poéticos do século: o romantismo, o parnasianismo e o simbolismo». Seu filho, Tomás Delfino, já desencarnado, coligiu em vários livros a obra imensa de LD, deixada esparsa em jornais e revistas. «Era um poeta abundante,» — confirma-o Manuel Bandeira — «e tanto podia espraia-se longamente em li-

Em teu regaço, as lágrimas são hinos...
Alguém te vela o clima, atento e mudo:
O médico no leme dos destinos...

Dá-nos, templo da angústia transitória,
O florão da humildade por escudo,
14 O laurel do trabalho por vitória!...



rismos condoreiros, como sabia limitar-se lapidarmente num soneto.»
(Apud LD, *Arcos de Triunfo*, pág. 29). (Florianópolis, Santa Catarina,
25 de Agosto de 1834 — Rio de Janeiro, Gb, 31 de Janeiro de 1910.)

BIBLIOGRAFIA: *Algas e Musgos*; *Poemas*; *Poesias Líricas*; etc.

14. Admirável soneto, digno de um médico-poeta.

João DAMASCENO VIEIRA Fernandes *



AVANTE!

Peregrino da vida e da morte oriundo,
2 Avança do nascer ao pôr do Sol, durante
A evolução sem fim nos carreiros do mundo,
Pela ronda do tempo, a ressurgir constante.

Das sombras da maldade à luz do bem fecundo,
Das ruínas morais ao triunfo pujante,
Aprende pouco a pouco e, segundo a segundo,
8 Ergue em tudo, a ti mesmo, o teu grito de — avante!

(*) Poeta, jornalista, crítico literário, dramaturgo, historiador. Patrono da cadeira nº 17 da extinta Academia Riograndense de Letras, colaborou ativamente na revista do Pártenon Literário, do qual fazia parte, e em várias publicações periódicas, dentre elas, *Álbum do Domingo*, *O Mosquito*, *Lusitano*. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do congênere da Bahia. Gozou de grande prestígio como poeta, e «a sua poesia da última fase é no geral simples, sem distorções, direta, a par de calorosamente humana e fraterna» (Guilhermino César, in *His-*